



EDUCAÇÃO AMBIENTAL E MEIO AMBIENTE: uma visão geográfica

Laily Souza Benedictis¹
laybenedictis@hotmail.com

Nêreida M. S. M. Benedictis²
nereidamafrabenedictis@gmail.com

Resumo

O presente artigo apresenta como objetivo central discutir a concepção de Meio Ambiente por meio da abordagem que a Geografia esboça. A ciência geográfica apreende Meio Ambiente por meio dos aspectos socioambientais, por entender que referente à problemática ambiental é imprescindível pontuar a relação homem-natureza, sem perder de vistas a interação entre os representantes físicos, sociais, econômicos, culturais e simbólicos. A temática abordada suscita uma reflexão sobre a importância do conceito de Meio Ambiente para a efetivação da Educação Ambiental. A discussão apontada assegura que referente ao entendimento sobre o Meio Ambiente, na perspectiva da Geografia, surge à necessidade de entender que a Educação Ambiental possibilita ações educativas pautadas na ética e respeito dos homens com a natureza e entre si, na expectativa de amenizar os problemas ambientais. Este estudo ainda assinala que não se deve discutir somente o estabelecimento de uma nova relação entre os homens e a natureza, mas, sobretudo, dos homens entre si, e estes com a natureza.

Palavras-chave

Meio Ambiente, Geografia, Educação Ambiental

ENVIRONMENTAL EDUCATION AND ENVIRONMENT: a geographical view

Abstract

This article presents the core objective discuss the conception of Environment through the approach that outlines Geography. The geographical science apprehends Environment through environmental aspects, understanding that relating to environmental issues is essential punctuate the man-nature relationship, keeping in view the interaction between representatives physical, social, economic, cultural and symbolic. The selected theme arouses a reflection on the importance of the concept Environment for effective environmental education. The discussion pointed ensures that for the understanding of the Environment, in the perspective of geography,

¹ Professora da APAE de Vitória da Conquista. Especializada em Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Rua Santa Cruz, n. 123. Centro. Poções (BA). CEP 45260-000

² Professora do Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Doutoranda em Memória: Linguagem e Sociedade. Trav. Vaticano, n. 53. Bairro Candeias. Vitória da Conquista (BA). CEP 45045-355

arises the need to understand that the Environmental Education provides educational guided by ethics and the respect of men with nature and each other, hoping to alleviate the problems environment. This study also points out that one should not only discuss the establishment of a new relationship between the nature and the human being, but especially between men, and these with nature.

Keywords

The Environment, Geography, Environmental Education

Introdução

O presente estudo discute a concepção de Meio Ambiente por meio da abordagem que a Geografia esboça. Tal abordagem reflete a importância do conceito de Meio Ambiente para a efetivação da prática da Educação Ambiental (EA).

Assim, propõe-se aqui considerar as interfaces delineadas pela ciência geográfica, já que “[...] a geografia é uma das muitas ciências que aborda o tema e, na medida do possível, tem procurado equacionar as questões atinentes ao assunto” (MENDONÇA, 1998, p.69).

De tal modo, a Geografia considera os aspectos socioambientais, por entender que referente à problemática ambiental é imprescindível pontuar a relação homem-natureza, sem perder de vistas a interação entre os representantes físicos, sociais, econômicos e culturais. Diante disso, faz-se necessário afirmar que a EA reflete um movimento político e social, pois possibilita educar o ser para a cidadania, já que “[...] prepara os cidadãos para exigir justiça social, cidadania nacional e planetária, autogestão e ética nas relações sociais e com a natureza” (REIGOTA, 2001, p.10). Assim, sobre a EA pelo enfoque político e social, Costa salienta:

O que parece significativo evidenciar sobre a aproximação entre possíveis interpretações entre os significados da temática ambiental e da educação ambiental é o caráter político também da educação ambiental, o compromisso da educação em garantir os processos de sociabilidade, em construir, tanto entre as sociedades e a natureza como entre os diferentes seres humanos, relações que valorizem a vida e que por isso tornam-se humanizadoras, caracterizando essa prática social como politicamente compromissada. Assim, quando entendida como processo indissociável de outros processos de sociabilidade, isto é, como prática social, entre outras, a dimensão política da educação evidencia-se (2006, p.23).

Nesta perspectiva “A educação ambiental, em específico, ao educar para a cidadania, pode construir a possibilidade da ação política, no sentido de contribuir para formar uma coletividade que é responsável pelo mundo que habita” (SORRENTINO, 2005, p.287). De tal modo, a EA compreendida pelo aspecto político, Carvalho aponta:

O que parece significativo evidenciar sobre a aproximação entre possíveis interpretações entre os significados da temática ambiental e da educação ambiental é o caráter político também da educação ambiental, o compromisso da educação em garantir os processos de sociabilidade, em construir, tanto entre as sociedades e a natureza como entre os diferentes seres humanos, relações que valorizem a vida e que por isso tornam-se humanizadoras, caracterizando essa prática social como politicamente compromissada. Assim, quando entendida como processo indissociável de outros processos de sociabilidade, isto é, como prática social, entre outras, a dimensão política da educação evidencia-se (2006, p.23).

Além disso, sabe-se que a EA antes de envolver o ser humano nas ações socioambientais, na perspectiva da preservação da natureza, visa buscar condições para que o cidadão se posicione diante das alterações socioambientais, não somente do meio natural, mas, sobretudo, fundamentada nas questões éticas, sociais e culturais. Neste sentido, segundo Benedictis (2010, p.18) a “EA tem sido uma ação complementar à fiscalização do patrimônio socioambiental”. Sendo assim, compreende-se a importância da EA na busca do equilíbrio socioambiental.

Diante disso, é possível pensar a EA em uma perspectiva de conscientização coletiva da sociedade, a fim de atender à problemática ambiental e procurar realizar práticas no cotidiano que possibilitem a preservação dos recursos naturais. E ainda “Cumpra à educação ambiental fomentar processos que impliquem o aumento do poder das maiorias hoje submetidas, de sua capacidade de autogestão e o fortalecimento de sua resistência à dominação capitalista de sua vida” (SORRENTINO, 2005, p.287).

Desse modo, para contemplar a temática aqui privilegiada articulou-se uma análise unicamente bibliográfica. Para tanto, utilizou-se obras referente à Geografia, Meio Ambiente e EA.

O referencial teórico utilizado estabeleceu-se especialmente em autores que abordam a EA e o Meio Ambiente sobre o entendimento geográfico, como: Mendonça (1998), Reigota (2002), Moreira (2007/2009) e autores que discutem a Geografia e suas práticas como Cavalcanti (2002), entre outros.

A concepção de meio ambiente na perspectiva da Geografia

Meio Ambiente é objeto de estudo de várias ciências, entre elas: a Ecologia, a Biologia, a Agronomia, a Engenharia Florestal, entre outras. Assim, é importante frisar que a Geografia “[...] que diferenciava e ainda se diferencia de outras áreas de conhecimento, de um lado, analisa as dinâmicas da natureza (ciências naturais) e, de

outro se preocupa com as dinâmicas sociais (ciências humanas)” (BERNARDES, 2010, p. 65). De tal modo, sabe-se que a questão ambiental permeia a discussão geográfica desde a Geografia Clássica e prossegue, de forma mais acentuada, na Geografia Crítica. Assim sendo, para Cunha & Guerra:

Na Geografia clássica, o meio natural era visto como mecânico e predominava o pensamento determinista, sendo a natureza colocada como condição ou obstáculo para o desenvolvimento de uma determinada sociedade. Mas, a partir dos anos 60, com a Geografia Crítica, o caráter predatório provocado pelo processo industrial foi enfatizado por diversos autores (2003, p. 27).

E, é essa Geografia atual que apreende o Meio Ambiente, por meio da influência mútua do homem, no sentido que permite a percepção das relações sociais perante os aspectos físicos da natureza. No entanto, Mendonça (1998, p. 23) salienta que “[...] não se pretende dizer que a geografia é a única ciência que sozinha consegue dá conta de toda a problemática que envolve o conhecimento do meio ambiente”. O mesmo autor observa ainda:

O que se compreende hoje como meio ambiente – elementos naturais e sociais conjuntamente – faz parte da origem da geografia e isso lhe confere o mérito de ter sido a primeira das ciências a tratar do meio ambiente de forma mais integralizante (1998, p. 32).

Já a Biologia compreende o Meio Ambiente considerando apenas os aspectos físicos e biológicos. “A Biologia atual não concebe a espécie como um quadro geral [...] O desenvolvimento da disciplina ecológica nas ciências biológicas mostra que é no quadro localizado dos ecossistemas em que os indivíduos singulares se desenvolvem e vivem” (MORIN, 2004, p.32).

Destarte, a preocupação da Geografia, diferente da Biologia, vai além dos aspectos físicos e naturais. Sobre isso Mendonça aponta:

Os princípios básicos e objetivos principais, assim como o objeto de estudo da geografia, desde sua origem como ciência são de caráter eminentemente ambientalista. A geografia é, sem sombra de dúvida, a única ciência que desde sua formação se propôs o estudo da relação entre os homens e o meio natural do planeta – o meio ambiente atualmente em voga é propalado na perspectiva que engloba o meio natural e o social (1998, p.22-23).

Desse modo, a contribuição geográfica referente às questões ambientais propõe a compreensão do complexo relacionamento entre homem e natureza, quando apreende a paisagem do lugar por meio do privilégio da abordagem dos aspectos culturais, econômicos, políticos e sociais, no sentido de atribuir ao espaço geográfico uma análise sob a perspectiva territorial.

Nesse bojo, “[...] o meio ambiente refere-se às nossas condições de existência, mostra também que é um problema que só se resolve quando a sociedade tomar a organização do espaço como um problema político” (MOREIRA, 2009, p.18). Nesta perspectiva, o conceito de Meio Ambiente é percebido aqui não somente pelos aspectos naturais, mas, sobretudo, pelos aspectos socialmente construídos ao longo da história e das manifestações espaciais. Sobre isso Reigota reflete:

Defino meio ambiente: como um lugar determinado e/ou percebido onde estão em relações dinâmicas e em constante interação os aspectos naturais e sociais. Essas relações acarretam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e políticos de transformação da natureza e da sociedade (2001, p.21).

Dessa maneira, o olhar crítico geográfico é capaz de romper a confusão conceitual que existe sobre o Meio Ambiente. Sobre isso Gonçalves assegura:

A problemática ecológica implica outras questões extremamente complexas. Implica outros valores, o que por se só coloca questões de ordem cultural filosófica e política. Implica em outro conceito [...] e conseqüentemente, outras formas de relacionamento entre os seres vivos; com o mundo inorgânico; enfim dos homens entre si (GONÇALVES, 2006, p.22).

Referente ao entendimento da Geografia em relação ao Meio Ambiente, Mendonça considera:

Quando se discute o papel da geografia de cunho ambientalista, engajada na transformação da realidade, deve-se destacar a importância que ela adquiriu, principalmente a partir do final dos anos 80, no Brasil, quando, após a promulgação da Constituição Federal de 1998, a Legislação ambiental brasileira normatizou determinadas atividades relacionadas ao meio ambiente entre estas atividades encontra-se a exigência da elaboração de EIAs (Estudos de Impactos ambientais) e RIMAS (Relatórios de Impactos Ambientais) para a implantação de atividades produtivas que possam causar danos ao ambiente. Sendo o geógrafo um dos profissionais habilitados para participar da elaboração de tais documentos, ele tem sido muito procurado. Assim, suas qualidades e habilidades têm sido bastante difundidas (1998, p.66).

Neste contexto, as especificidades no âmbito da Geografia possibilitam “[...] fornecer instrumentos elementares para que os cidadãos possam enfrentar seu cotidiano com consciência e interatividade com seu ambiente” (CAVALCANTI, 2002, p.17). Desse modo, a ciência geográfica permite o entendimento do Meio Ambiente como resultado do intercâmbio entre os representantes físicos e sociais a fim de envolver estes elementos com os atos exercidos no cotidiano. Assim, “[...] há que se frisar que [...] a geografia física é o sub-ramo dentro do qual o meio ambiente/natureza foi academicamente desenvolvido” (MENDONÇA, 1998, p.32).

Em paralelo a discussão referente ao entendimento sobre o Meio Ambiente, na perspectiva da Geografia, surge à necessidade de entender que a EA possibilita ações

educativas pautadas na ética e respeito dos homens com a natureza e entre si, na expectativa de amenizar os problemas ambientais. Sobre isso, Layrargues (2006) reflete que não se deve discutir somente o estabelecimento de uma nova relação entre os homens e a natureza, mas, sobretudo, dos homens entre si, e estes com a natureza.

Neste sentido, face aos graves problemas ambientais atuais, como consequência do uso dos recursos naturais, no desenvolvimento das atividades econômicas manipuladas pelo homem, Guimarães assinala:

Para esse modelo societal, o meio ambiente e o ser humano são concebidos de modo dicotômico. Historicamente, o ser humano inserido neste modelo societário sente-se separado, não-integrado ao ambiente natural. Percebe esse ambiente como suporte para o seu desenvolvimento a partir de uma visão servil, utilitarista e consumista, de dominação totalitária da natureza, potencializando uma desnaturalização da humanidade. Rompe assim as relações de equilíbrio entre seres humanos em sociedade e o meio ambiente. Esse distanciamento entre os seres humanos e a natureza produz a degradação de ambos (2000, p.25).

Assim, é fundamental a introspecção, por parte de cada sujeito, que ele é parte integrante do Meio Ambiente e, portanto, deve atuar como um ser ativo na construção da sua própria história, uma vez que a crise ambiental configura-se como:

[...] sendo mais ampla do que apenas o sentido biofísico entendido por alguns. É reflexo de uma crise do projeto civilizacional, crise da modernidade, de um modelo desenvolvimentista (GUIMARÃES, 2000, p.27).

De tal modo, a proeminência dada pela humanidade entre ser humano e natureza procedeu, uma postura antropocêntrica, em que o homem coloca-se no centro de todas as partes, sobretudo, o Meio Ambiente, onde ocorrem as relações interdependentes e entre os elementos existentes.

Logo, na compreensão de que o paradigma educativo revela-se uma relação social faz-se importante afirmar que a prática da EA carece ser realizada no contexto da edificação do sujeito, que deve ser participativo e ativo, na busca do equilíbrio do Meio Ambiente.

Portanto, acredita-se que a ciência geográfica corrobora para a efetivação da EA, já que, segundo Moreira (2007, p.105) “A geografia é uma forma de leitura do mundo” e ainda busca compreender as relações entre homem e natureza, por meio do contexto comportamental da sociedade. Sobre isso o mesmo autor salienta:

Quando a sociedade como um todo na vivência dos problemas de meio ambiente sentir que está diante do problema de sua própria forma espacial de existência, é este o momento da sensibilização para enfrentá-lo. Creio ser esta a

ponete para uma educação ambiental realizada pelo ângulo da geografia (MOREIRA, 2009, p.12).

Em consonância com Moreira (2009) Cavalcanti (2002, p.18) entende que a Geografia fornece implementos para que os cidadãos descubram e reflitam os desiguais ambientes “[...] produzidos pelo homem e outros por ele preservados ou destruídos”.

Portanto, Cavalcanti (2002, p.17) percebe que a Geografia, e cabe aí a EA é essencial para que “[...] os cidadãos possam enfrentar seu cotidiano com consciência e interatividade com seu ambiente resultante da interação dos constituintes físicos e sociais envolvendo, portanto, objetos e ações da vida”.

Há também, outro viés importante em relação à ciência geográfica e a EA, as “[...] interações e redistribuições que movimentam os fenômenos no espaço e fazem dele um espaço dinâmico é o alicerce geográfico da relação ambiental e a partir do qual uma relação vira uma questão ambiental”, (MOREIRA, 2009, p.17). Ainda para o autor:

[...] a educação ambiental deva ser um assunto diretamente vinculado à sociedade em seus poderes de decisão sobre o formato de organização espacial do metabolismo homem-meio que lhe interessa. Uma questão de decisão política, que deve orientar o encaminhamento do assunto não somente no sentido da preocupação com a sensibilização da chamada opinião pública, mas também do que deve ser efetivamente entendido por meio ambiente e problema de meio ambiente (MOREIRA, 2009, p.17).

Por meio desse entendimento, considera-se que a Geografia possibilita a compreensão dos “[...] problemas ambientais a partir de uma visão em que os processos particulares, geradores dos mesmos, são determinados pela dinâmica de reprodução do capitalismo [...]” (CUNHA & GUERRA, 2003, p.39).

Desse modo, para Guimarães:

[...] dissemina-se no imaginário social a representação de qualidade de vida atrelada à ideia de capacidade de consumo do indivíduo [...] do ter se sobrepondo ao ser. Uma visão de mundo assim alicerçada remete a um comprometimento individual com a lógica de acumulação, que se viabiliza por essa sociedade contemporânea em sua relação de exploração ao meio ambiente, tornando essa relação necessária para a manutenção da boa qualidade de vida projetada (2003, p.85).

Diante disso, ressalta-se que a Geografia fortalece a proposta da EA, no entanto, para tal reforço faz-se necessário analisar e compreender os processos mais amplos que envolvem a natureza e a sociedade. Assim, Cunha & Guerra afirmam:

A visão dialética marxista, uma das formas de enxergar as relações sociedade/natureza no pensamento ocidental, que valoriza o papel das relações econômicas, possibilita uma compreensão mais clara dos atuais problemas ambientais, embora o modelo de interesses e de relações de poder que Marx

analisava tenha se modificado profundamente na fase capitalista contemporânea. Marx sustentava que a relação do homem com a natureza, mediada pelo trabalho, era o aspecto fundamental da atividade humana, mas o capitalismo industrial organizou de tal forma o processo de trabalho, que este acabou convertendo a relação entre o trabalhador e a natureza em uma caricatura do que era antes, reduzindo os trabalhadores a coisas, a alienados de seus produtos, do método de produzi-los e da própria natureza (2003, p.39).

Dessa maneira, Reigota (2001, p. 09) afirma que é necessário entender os problemas ambientais contemporâneas como “[...] um problema que está no excessivo consumo dos recursos naturais por uma pequena parcela da humanidade e no desperdício e produção de artigos inúteis e nefastos à qualidade de vida”. Tal consumo corresponde à dinâmica do modelo econômico capitalista, fundamentado no consumo exacerbado, que além de proporcionar a destruição dos recursos naturais, produz uma quantidade de resíduos difíceis de ser absorvida pela natureza. Sobre isso, Feldman salienta:

O consumo na vida contemporânea, entretanto, traz novas dinâmicas e sua compreensão está longe de ser alcançada. Um dos grandes problemas diz respeito ao fato de o consumo mundial ter se desenvolvido num ritmo e perfil de desigualdades tão grande que há necessidade emergencial de uma total mudança nos padrões de comportamento da sociedade [...] Afora a fixação de certos padrões sociais e aspirações de consumo através de uma cultura baseada em pesquisas de mercado [...] enfim, toda uma parafernália voltada para atender desejos e necessidades criados por uma sociedade que depende dessa economia para continuar existindo. (2003, p. 148-149).

Assim, acredita-se que a EA é uma necessidade permanente da sociedade contemporânea “[...] face aos graves problemas ambientais atuais, como consequência do mau uso dos recursos naturais no desenvolvimento das atividades econômicas manipuladas pelo homem” (BENEDICTIS, 2010, p.07). Nesse sentido, segundo Cunha & Guerra:

A Geografia pode encontrar na ecologia política um campo de reflexão que a permite contribuir com: (1) a análise dos contextos políticos, sociais e econômicos que moldam as políticas ambientais; (2) as ideias que lhe dão sentido; (3) a investigação dos processos de tomada de decisão e (4) o exame da consistência e coerência dessas políticas e práticas ambientais (2003, p.76).

Nessa perspectiva, entende-se que a leitura geográfica contribui com a EA, pois se preocupa com noções espaciais, temporais, fenômenos sociais, culturais e naturais, além disso, busca entender as relações do homem e a natureza.

Destarte, diante da compreensão de que o paradigma educativo revela-se uma relação social e, não se esgota na ideia de escolarização, faz-se importante assegurar que a prática da EA precisa ser realizada no contexto da edificação do sujeito, que deve ser participativo e ativo, na busca do equilíbrio do Meio Ambiente.

Considerações finais

Diante do exposto, considera-se que a Geografia concebe o Meio Ambiente por meio do relacionamento entre os aspectos naturais, socioeconômicos e culturais, assim, “Objetiva-se ressaltar e resgatar [...] somente a profundidade do comprometimento e a responsabilidade que tem a ciência geográfica em toda a sua evolução histórica com a temática ambiental”, (MENDONÇA, 1988, p.23).

Desse modo, a ciência geográfica corrobora de forma expressiva para a efetivação da EA, já que busca compreender as relações entre homem e natureza, por meio do contexto comportamental da sociedade.

No entanto, segundo Mendonça (1998, p.23) “[...] não se pretende dizer que a geografia é a única ciência que sozinha consegue dar conta de toda a problemática que envolve o conhecimento do meio ambiente”, além disso, não almejou aqui esgotar as possibilidades do entendimento referente à contribuição da Geografia com as questões ambientais.

Referências

- BENEDICTIS, Laily Souza. **A educação ambiental na Escola Municipal Baixa da Fartura, Assentamento Amaralina, Vitória da Conquista/BA: perspectivas e realidades.** 2010, 57 f. Monografia (Graduação em Licenciatura Plena em Geografia). Departamento de Geografia. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Vitória da Conquista.
- BERNARDES, Fernando Frederico. **(Meio) Ambiente: Rompendo Paradigmas na produção científica e no ensino de Geografia e da Biologia.** 2010. 124 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Porto Alegre, 2010.
- CARVALHO, L.M. **A temática ambiental e o processo educativo: dimensões e abordagens.** In: CINQUETTI, H.C.S.; LOGAREZZI, A. (Org.). **Consumo e resíduo: fundamentos para o trabalho educativo.** São Carlos: EdUFSCar, 2006. p. 19-41.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino.** Goiânia: Alternativa, 2002.
- COSTA, Maria Figuerêdo Coêlho. Educação Ambiental no ensino formal: necessidade de construção de caminhos metodológicos. In: PEDRENI, Alexandre Gusmão (org.). **O contrato social da ciência: unindo saberes na Educação Ambiental.** Petrópolis: Vozes, 2006.
- CUNHA, Sandra Baptista. GUERRA, José Teixeira. **A questão ambiental: diferentes abordagens.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- GONÇALVES, W. P. **Os (des)caminhos do meio ambiente.** São Paulo: Contexto, 2006.
- GUIMARÃES, Mauro. **Educação ambiental: no consenso um embate.** São Paulo: Papirus, 2000.
- _____. **A formação de educadores ambientais.** Campinas, SP: Papirus, 2003, 2ª ed.

Benedictis, L.S. & Benedictis, N.M.S.M.

MENDONÇA, Francisco Assis de. **Geografia e meio ambiente**. São Paulo, Contexto, 1998.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia ensaios de epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. **A geografia e a educação ambiental: o modo de ver e pensar a relação ambiental na Geografia**. *Espaço em Revista*, vol. 11, nº1, 2009.

MORIN, E. **Saberes globais e saberes locais: o olhar transdisciplinar**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. São Paulo, Brasiliense, 2001.

SORRENTINO, Marcos. **Educação ambiental como política pública**. *Educação & Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 285-299, maio/ago, 2005.

Recebido em 09 de outubro de 2012.

Aceito para publicação em 22 de novembro de 2012.